



A aldeia dos Tupis fica na região do rio Cuminapanema.



Fotos: Ricardo Chaves/AE.

O sertanista Sidney Possuelo

Contato com uma nova tribo dos Tupis. (Já destruída pelo homem branco.)

São 119 índios do Pará, atingidos pela malária, tifo, gripe...

Contatados por missionários norte-americanos desde 1982, mas ignorados até agora pelo órgão tutor, a Funai, 119 índios do grupo Tupi — que vivem numa área de difícil acesso 500 quilômetros ao norte de Santarém, no Pará —, enfrentam um quadro de saúde grave, com surtos de malária, tifo e gripe que mataram 15 índios nos últimos dois anos.

Na semana passada, depois de uma caminhada de dois dias pela floresta, o sertanista Sidney Possuelo constatou a situação e hoje vai levar o problema à direção da Funai e ao Conselho de Segurança Nacional. Possuelo não exime a Funai, mas acusa a missão Novas Tribos do Brasil de ter criado o problema, por ter feito o contato com o grupo à revelia da Funai.

Os índios, distribuídos em quatro aldeias, vivem na região do rio Cuminapanema. Segundo Possuelo, quando foi iniciada a construção da Rodovia Perimetral Norte, cortando os estados do Amazonas, Pará e Território de Roraima, a atração do grupo foi planejada pela Funai. Mas, com a interrupção das obras de construção, ficou adiado o contato, porque os índios não estavam ameaçados pelas frentes pioneiras. "Desrespeitando esta posi-

ção da Funai, os missionários norte-americanos promoveram a aproximação, construindo sua base a 45 quilômetros das aldeias", acusa o sertanista, que coordena o setor de índios isolados da Funai.

Possuelo conta que nas duas aldeias visitadas não encontrou mulheres grávidas e apenas uma criança com menos de dois anos: "Em geral, quando sofrem séria ameaça à sua sobrevivência, as índias costumam abortar, como ocorreu recentemente entre as mulheres Araras, também do Pará. Quando o grupo se viu encurralado pelas frentes pioneiras". O sertanista viu índios prostrados em suas redes, tossindo muito. Alguns faziam apelos dramáticos: "Tuari, tuari". Era um pedido para que Possuelo soprasse a fumaça de seu cigarro em suas bocas, repetindo o gesto dos pajés nos rituais de cura.

Os índios usam um adorno não conhecido em outras tribos Tupis, fixado abaixo dos lábios: um cilindro de madeira branca, com 20 centímetros de comprimento, que é colocado nas crianças aos sete anos. "A madeira é pesada e compromete a oclusão da arcada dentária", verificou o sertanista. As mulheres raspam uma faixa de cabelo acima da testa e colam com uma

resina especial penas de urubu-rei.

Possuelo descônfiava que as mortes dos últimos anos entre estes índios estejam acima das 15 relatadas pelos missionários. "A própria missão, ao comunicar o contato com a Funai, em 82, informava que o grupo poderia chegar a 300 indivíduos", afirma o sertanista. Possuelo também criticou a missão, que, por sua vez, respondeu que o contato havia sido espontâneo. Os índios, segundo os missionários, teriam ido até a sede da missão, cujo trabalho em todo o mundo é traduzir a Bíblia para os povos primitivos.

O fato é que, apesar das relações azedas entre Funai e missionários, nada se fez de concreto desde o contato há seis anos. A viagem do sertanista à aldeia só aconteceu depois de um relatório encaminhado pelos norte-americanos em dezembro, comunicando o precário estado de saúde dos índios, que nunca foram vacinados. A missão pedia a colaboração da Funai para o atendimento conjunto na área do Cuminapanema, que, mesmo não estando ainda invadida, agora está cercada por garimpeiros e empresas de mineração.